

A história de Lindalva e Luiz: A luta pelo acesso à terra e a colheita dos frutos no Assentamento Dom Marcelo



Lindalva Antônia de Oliveira, 63 anos, e José Antônio de Oliveira, conhecido como Zé Luiz, 74 anos, são naturais de Mogéiro, no Agreste da Paraíba. A história deles é profundamente entrelaçada com a do Assentamento Dom Marcelo, um lugar onde criaram raízes e colhem os frutos até hoje. O casal se conheceu nas terras onde vivem atualmente, que antes eram conhecidas como Fazenda Mendonça, pertencentes ao coronel Manoel Borges, grande proprietário de terras da região.

No passado, muitas famílias utilizavam as terras da fazenda na condição de rendeiras ou moradoras, e quem produzia mandioca era pago com farinha, enquanto quem plantava algodão recebia a colheita em algodão ou milho. Zé Luiz, morava com os pais na propriedade, enquanto Lindalva, que vivia na cidade, trabalhava na terra na condição de rendeira. Foi nessas idas e vindas que seus caminhos se cruzaram. Em 1981, se casaram e foram morar na cidade, mas continuaram trabalhando nas terras da fazenda.



Registro do período de acampamento



A situação começou a mudar após a morte do coronel, quando sua filha assumiu a propriedade e passou a usar as terras para a criação de animais e o cultivo de cana-de-açúcar, expulsando as famílias que arrendavam as terras, inclusive Zé Luiz e Lindalva, que tiveram que deixar para trás o roçado, que havia sido plantado com o dinheiro economizado por Zé Luiz, após trabalhar por seis meses no Rio de Janeiro. As famílias moradoras perderam suas casas e seus roçados. Diante desse cenário, o casal decidiu se juntar à luta pela terra. Acamparam na fazenda e reivindicaram sua desapropriação para fins de Reforma Agrária, mas sofreram ordem de despejo.

De 1997 a 2000, acamparam na faixa das linhas de transmissão de energia elétrica que corta o município. Em 2000, após serem despejados do acampamento, voltaram à antiga Fazenda Mendonça e mais uma vez, reivindicaram sua desapropriação e renomeando as terras - que passou a ser denominado Assentamento Dom Marcelo. Construíram uma casa com os tijolos das casas demolidas pela antiga proprietária e voltaram a produzir nos lotes. Após quase nove anos de luta, em 2005, finalmente receberam o direito de permanecer nas terras e tiveram o assentamento reconhecido pelo INCRA.

Lindalva relembra a primeira cisterna comunitária do assentamento, construída pelo Padre João, e explica que o nome Dom Marcelo foi uma homenagem ao bispo que apoiou a luta pela terra (Dom Marcelo Cavalheira). "A fase mais difícil foi o período que passamos no acampamento. Sob a lona preta, a discriminação era grande. Eu me sentia humilhada. A terra era cercada por policiais, não tínhamos acesso a quase nada. Minha filha começou a ensinar com 16 anos porque os professores não queriam vir. As crianças estudavam no chão, sem cadeiras, sem nada", conta Lindalva.



Campo familiar de sementes de amendoim





O momento de maior felicidade foi a conquista do título da terra. "No dia que recebemos o título, sabíamos que não ia ter mais despejo. Foi uma alegria muito grande. E nossa gratidão a Dom Marcelo e ao Padre João é até hoje por terem apoiado nossa luta", afirma.

Em 2005, com a certeza de que não seriam mais expulsos, o casal construiu a casa onde vive e uma cisterna de 16 mil litros, com o recurso do fomento do INCRA. Graças à terra conquistada, criam galinhas, carneiros, cavalos, guinés e vacas, tanto para consumo quanto para venda, quando necessário. O foco principal da família é o roçado, onde plantam macaxeira, batata-doce, inhame, milho, feijão, tudo livre de agrotóxicos e transgênicos para alimentar toda a família. Mais recentemente, plantaram amendoim – uma cultura que já foi muito valorizada na região e que vem sendo resgatada pela comunidade.

Em 2015, o CENTRAC chegou ao assentamento com o Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2). A família foi contemplada com uma cisterna de enxurrada, o que permitiu aumentar a produção de alimentos vegetais e animais. Além disso, têm um fogão agroecológico, implementado pelo CENTRAC com apoio da Fundação Banco do Brasil.

Campo Comunitário de Multiplicação de Sementes



Neta e Neto de Lindalva e Luiz



Lindalva e Zé Luiz estão presentes em diversos espaços comunitários, como o Fórum de Lideranças do Agreste (Folia) e a Associação do Assentamento. Participam ativamente na construção de estratégias coletivas para a conservação, multiplicação e gestão das sementes da paixão – um Bem Comum. Essas iniciativas incluem os Bancos Comunitários de Sementes e os campos coletivos de multiplicação, que conta com sistema de irrigação por gotejamento implementado em 2019 pelo CENTRAC. O campo coletivo visa ampliar o estoque do banco de sementes e preservar variedades ameaçadas pelas sementes transgênicas e pelas crises climáticas. Entre as sementes já multiplicadas estão milho, amendoim, girassol, quiabo, maxixe e coentro. A prática do plantio coletivo já fazia parte da comunidade antes mesmo da implantação do sistema de irrigação.



A recuperação da semente de amendoim ocorreu quando o valor da mandioca caiu no mercado, incentivando o casal a investir na cultura. Em 2023, venderam meia tonelada de amendoim e, nos primeiros meses de 2024, plantaram um hectare no campo comunitário e lucraram cerca de 400kg.

A família também acessou o Pronaf A e B para construir um poço na propriedade e forneceu alimentos para o PAA e o PNAE. "Foi bom para escoar a produção e levar comida de verdade para as escolas", conta Lindalva, que também fez um curso de produção de polpas e geleias com o CENTRAC. "Agora não desperdiçamos mais frutas. Temos suco natural o ano todinho", diz ela, destacando a diversidade de frutíferas da propriedade, como cajá, caju, acerola, goiaba e maracujá.

Os sonhos do casal continuam. Luiz quer implementar um sistema de reúso de água, aproveitando ainda mais os recursos disponíveis, enquanto Lindalva deseja aprimorar o espaço do quintal para cultivar plantas medicinais. Junto com outras mulheres do assentamento, ela já produz pomadas, lambedores e escalda-pés com ervas como hortelã, babosa, casca de romã e caju roxo que são comercializados na comunidade e nas feiras regionais e temáticas do Folia e da Articulação do Semiárido Paraibano.

Lindalva e Zé Luiz vivem da agricultura familiar de base agroecológica e hoje ensinam aos netos e netas o valor de uma alimentação saudável e a importância de valorizar o solo que guarda tanta luta, histórias e boas sementes.